

A SEMANA – 244*

31 de janeiro de 1897¹

Os direitos da imaginação e da poesia hão de sempre achar inimiga uma sociedade industrial e burguesa. Em nome deles protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antônio Conselheiro. Este homem fundou uma seita a que se não sabe o nome nem a doutrina. Já este mistério é poesia. Contam-se muitas anedotas, diz-se que o chefe manda matar gente, e ainda agora fez assassinar famílias numerosas porque o não queriam acompanhar. É uma repetição do *crê ou morre*; mas a vocação de Maomé era conhecida.² De Antônio Conselheiro ignoramos se teve alguma entrevista com o anjo Gabriel, se escreveu algum livro, nem sequer se sabe escrever. Não se lhe conhecem discursos. Diz-se que tem consigo milhares de fanáticos. Também eu o disse aqui, há dois ou três anos, quando eles não passavam de mil ou mil e tantos.³ Se na

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 31, p. 1, 31 jan. 1897) e SEM1953 (v. 3, p. 401-407). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ John Gledson (2013, p. 292) após uma pequena introdução à sua edição desta crônica, que transcrevemos: “Nesse momento, as forças da legalidade já sofreram uma segunda derrota nas mãos dos conselheiristas, em 18 de janeiro, o que levou à agitação que fez com que o governo mandasse a terceira expedição, comandada por Moreira César, e que, em 2 de março, seria derrotado por sua vez, levando o país à histeria. / Machado mantém uma posição cética perante os acontecimentos, e, como noutras ocasiões, lança mão da ‘imaginação e da poesia’ para esse fim. Irrita-se sobretudo com os preconceitos e as distorções da imprensa. Discretamente, critica até o correspondente da própria *Gazeta*, que não pôs os pés fora da capital do estado. Já se entrava na época dos repórteres ousados, quase aventureiros eles mesmos, que se arriscavam para trazer as notícias ao vivo. O primeiro e mais famoso deles foi o americano Henry Morton Stanley, que se aventurou na África para encontrar o missionário David Livingstone, em 1872 – por isso, sem dúvida, é que Machado se refere à ‘proeza americana’ que seria ir até Canudos.”

² John Gledson (2013, p. 293): “‘Crê ou morre’ é a ameaça supostamente usada pelos muçulmanos para ‘converter’ seus inimigos. Segundo o Islã, o anjo Gabriel ditou ao profeta Maomé as palavras do Alcorão.”

³ John Gledson (2013, p. 293) anotou: “Com efeito, Machado já mencionara o Conselheiro mais de uma vez em ‘A Semana’. A primeira foi já no fim da crônica de 4 de junho de 1893, em que não o nomeia, mas chama-o ‘um fanático de Entre-Rios’ (ver minha edição dos primeiros dois anos da série, p. 251). A segunda, à qual se refere aqui, foi de 22 de julho de 1894, e foi reproduzida em *Páginas recolhidas* (1899) com o título ‘Canção de piratas’. Aí diz que ‘o Conselheiro está em Canudos com 2000 homens (dois mil homens) perfeitamente armados’. Dá um tratamento deliberadamente literário ao assunto, comparando o líder sertanejo, junto com ‘os célebres clavinoteiros de Belmonte’ (outro grupo, que operava na região de Ilhéus), com os célebres piratas do romantismo, de Hugo, Byron e Gonçalves Dias.”

última batalha é certo haverem morrido novecentos deles e o resto não se despega de tal apóstolo, é que algum vínculo moral e fortíssimo os prende até à morte. Que vínculo é esse?

No tempo em que falei aqui destes fanáticos, existia no mesmo sertão da Bahia o bando dos clavinoteiros. O nome de clavinoteiros dá antes ideia de salteadores que de religiosos; mas se no *Koran*⁴ está escrito que “o alfanje é a chave do céu⁵ e do inferno”,⁶ bem pode ser que o clavinote seja a gazua, e para entrar no céu tanto importará uma como outra; a questão é entrar. Não obstante, tenho para mim que esse bando desapareceu de todo; parte estará dando origem a desfalques em cofres públicos ou particulares, parte à volta das urnas eleitorais. O certo é que ninguém mais falou dele. De Antônio Conselheiro e seus fanáticos nunca se fez silêncio absoluto. Poucos acreditavam, muitos riam, quase todos passavam adiante, porque os jornais são numerosos e a viagem dos bondes é curta; casos há, como os de Santa Teresa, em que é curtíssima. Mas, em suma, falava-se deles. Eram matéria de crônicas sem motivo.

Entre as anedotas que se contam de Antônio Conselheiro, figura a de se dar ele por uma encarnação de Cristo, acudir ao nome de Bom Jesus e haver eleito doze confidentes principais, número igual ao dos apóstolos. O correspondente da *Gazeta de Notícias* mandou ontem notícias telegráficas, cheias de interesse, que toda gente leu, e por isso não as ponho aqui;⁷ mas, em primeiro lugar, escreve da capital da Bahia, e, depois, não se funda em testemunhas de vista, mas de outiva; deu-se honesta pressa em mandar as novas para cá, tão minuciosas e graves, que chamaram naturalmente a atenção pública. Outras folhas também as deram; mas serão todas verdadeiras? Eis a questão. O número dos sequazes do Conselheiro sobe já a dez mil, não contando os lavradores e comerciantes que o ajudam com gêneros e dinheiros.

Dado que tudo seja exato, não basta para conhecer uma doutrina. Diz-se que é um místico, mas é tão fácil supô-lo que não adianta nada dizê-lo. Nenhum jornal mandou ninguém aos Canudos. Um *reporter*⁸ paciente e sagaz, meio fotógrafo ou desenhista, para trazer as feições do Conselheiro e dos principais subchefes, podia ir ao centro da seita nova e colher a verdade inteira sobre ela. Seria uma proeza americana.⁹ Seria uma empresa quase igual à remoção do Bendegó, que devemos ao esforço e

⁴ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 402) anotou: “Assim está na *Gazeta de Notícias*, em vez da forma portuguesa, *Corão*, ou como é de maior uso, *Alcorão*.”

⁵ do céu] do – em GN. Seguimos a lição de Aurélio.

⁶ John Gledson (2013, p. 293) informa que “estas palavras não estão no Alcorão. A sua origem parece estar no capítulo 50 do *Declínio e queda do Império Romano*, do historiador inglês Edward Gibbon, em que descreve a religião islâmica e atribui estas palavras ao profeta.”

⁷ A *Gazeta de Notícias* publicou a matéria mencionada, sob o título “Antônio Conselheiro”. Os leitores de Machado, na época, leram a notícia; nós, não. Ver a matéria ao final desta crônica.

⁸ *reporter*] repórter – em SEM1953.

⁹ Ver nota 1.

direção de um patricio tenaz.¹⁰ Uma comissão não poderia ir; as comissões geralmente divergem logo na data da primeira conferência, e é duvidoso que esta desembarcasse na Bahia sem três opiniões (pelo menos) acerca do Juazeiro.¹¹

Não se sabendo a verdadeira doutrina da seita, resta-nos a imaginação para descobri-la e a poesia para floreá-la. Estas têm direitos anteriores a toda organização civil e política. A imaginação de Eva fê-la escutar sem nojo um animal tão imundo como a cobra, e a poesia de Adão é que o levou a amar aquela tonta que lhe fez perder o paraíso terrestre.

Que vínculo é esse, repito, que prende tão fortemente os fanáticos ao Conselheiro? Imaginação, cavalo de asas, sacode as crinas e dispara por aí fora; o espaço é infinito. Tu, poesia, trepa-lhe aos flancos, que o espaço, além de infinito, é azul. Ide, voai, em busca da estrela de ouro que se esconde além, e mostrai-nos em que é que consiste a doutrina deste homem. Não vos fieis no telegrama da *Gazeta*, que diz estarem com ele quatro classes de fanáticos,¹² e só uma delas sincera. Primeiro que tudo, quase não há grupo a que se não agregue certo número de homens interessados e empulhadores; e, se vos contentais com uma velha chapa, a perfeição não é deste mundo. Depois, se há crentes verdadeiros, é que acreditam em alguma coisa. Essa coisa é que é o mistério. Tão atrativa é ela que um homem, não suspeito de conselheirista, foi com a senhora visitar o apóstolo, deixando-lhe de esmola quinhentos mil-réis, e ela quatrocentos mil. Esta notícia é sintomática.¹³ Se um pai de família, capitalista ou fazendeiro, pega em si e na esposa e vai dar pelas próprias mãos algum auxílio pecuniário ao Conselheiro, que já possui uns cem contos de réis, é que a palavra deste passa além das fileiras de combate.

Não trato, porém, de conselheiristas ou não conselheiristas; trato do *conselheirismo*, e por causa dele é que protesto e torno a protestar contra a perseguição que se está fazendo à seita. Vamos perder um assunto vago, remoto, fecundo e pavoroso. Aquele homem que reforça as trincheiras envenenando os rios é um Maomé forrado de um Bórgia.¹⁴ Vede que acaba de despir o burel e o bastão pelas armas; a imagem do

¹⁰ O meteorólito foi encontrado em 1784 no atual município de Monte Santo, no sertão da Bahia. Na mesma região situa-se o arraial de Canudos. O chefe da expedição que o trouxe para o Rio de Janeiro foi José Carlos de Carvalho. A primeira tentativa de transportá-lo, por iniciativa de d. Pedro II, fracassou: a carreta que o transportava caiu no riacho Bendegó. O meteorito pesa mais de 5 toneladas – é o maior do Brasil – e ficou exposto no Museu Nacional (Rio de Janeiro) desde 1888. O artefato resistiu ao incêndio que destruiu grande parte do museu em 2018. Ver ilustração ao final desta crônica. (Ver: <<https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/geologia/geo012.html>>)

¹¹ Juazeiro é a cidade mais próxima, e mais importante, da região de Canudos.

¹² A informação se encontra na matéria intitulada “Antônio Conselheiro”, reproduzida ao final desta crônica. São as quatro classes de fanáticos: “fanáticos verdadeiros; fanáticos por interesse, que esperam que Conselheiro divida bens; desertores do exército, armada e polícia; assassinos e malfeitores deste Estado, de Sergipe, Minas, Alagoas, Piauí, homiziados em Canudos.”

¹³ sintomática.] sintomática – em GN.

¹⁴ Os Bórgias foram uma família proeminente durante o Renascimento italiano. Da família, vieram três papas: Calisto III (1455-1458), Alexandre VI (1492-1503) e Inocêncio X (1644-1655). Em suas residências, crimes vários teriam sido cometidos, como, por exemplo, corrupção e assassinato (especialmente envenenamento por arsênico).

bastão e do burel dá-lhe um caráter hierático. Enfim, deve exercer uma fascinação grande para incutir a sua doutrina em uns e a esperança da riqueza em outros. Chego a imaginar que o elegem para a câmara dos deputados, e que ele aí chega, como aquele francês muçulmano, que ora figura na câmara de Paris, com turbante e *burnu*.¹⁵ Estou a ver entrar o Conselheiro, deixando o bastão onde outros deixam o guarda-chuva e sentando o burel onde outros pousam as calças. Estou a vê-lo erguer-se e propor indenização para os seus dez mil homens dos Canudos...

A perseguição faz-nos perder isto; acabará por derribar o apóstolo, destruir a seita e matar os fanáticos. A paz tornará ao sertão, e com ela a monotonia. A monotonia virá também à nossa alma. Que nos ficará depois da vitória da lei? A nossa memória, flor de quarenta e oito horas, não terá para regalo a água fresca da poesia e da imaginação, pois seria profaná-las com desastres elétricos de Santa Teresa, roubos, contrabandos e outras anedotas sucedidas nas quinta-feiras¹⁶ para se esquecerem nos sábados.



¹⁵ *burnu*] burnu – em SEM1953. John Gledson (2013, p. 296) explica: “Essa figura interessante é Philippe Grenier (1865-1944), médico francês de Pontarlier, que visitou a Argélia (então colônia francesa) em 1890, e teria ficado chocado com o tratamento dado à população local. Em consequência de sua experiência, converteu-se ao islã, e foi eleito deputado pela cidade natal em 1896, considerando-se ‘o deputado dos muçulmanos da França’. O mandato durou dois anos, durante os quais, em parte porque se vestia como os argelinos, de turbante e burnu como diz Machado, foi objeto de muitos insultos e piadas na imprensa francesa.” No *Jornal do Commercio* (ano 77, n. 27, p. 2, col. 4-5, 27 jan. 1897) há uma longa notícia sobre esse “deputado muçulmano”.

¹⁶ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 407) observou: “Está assim na *Gazeta de Notícias*. Dois outros exemplos desse plural insólito podem ser vistos em *Esau e Jacó*, ed. Garnier, pag. 100 e 101; na pag. 300 encontra-se o normal – *quintas-feiras*. No seu livro *Alguns escritos*, Mário de Alencar, fino sabedor da língua, emprega também *quinta-feiras* (pág. 37).” Acatamos a lição do texto-base, acatada também por Aurélio.



Meteorito do Bendegó – Museu Nacional

FONTE: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Bendeg%C3%B3_meteorite>

ANTONIO CONSELHEIRO

Po nosso activo correspondent: na Bahia, recebemos o telegramma que damos e que vem provar a necessidade do governo agir com energia, bem como o acerto com que dissemos que, á custa do fanatismo, trabalhavam mãos politicos, que nada vêm mais que os seus interesses prejudicados.

Bradem a vontade os implicados e o governo que leia o nosso telegramma:

Bahia, 29

— Ouvi de pessoa chegada hontem que informou-me que da cidade do Bonfim remetteram para Antonio Conselheiro 300 saccos de farinha e 100 de feijão; que enquanto não for embaraçada pela força publica as estradas das queimadas, Cumbé, Serrinha, Santa Luzia e outros logares, impedindo que Conselheiro receba recursos, os fanaticos não serão debellados; que, tomados laes caminhos, serão vencidos pela fome; que existem especuladores que estão enriquecendo com o prolongamento destes acontecimentos, que procuram alimentar por todos os modos; que Conselheiro dispõe de numero extraordinario de fanaticos e supõem-se mesmo que, attendendo ás vantagens do terreno, no pé em que as cousas estão, não será sufficiente uma força de mil homens para o esmagamento dos fanaticos, que recebem reforços todos os dias; que, para vencel-os pelas armas, é mistér dar-lhes combates successivos, sem lhes dar tempo para refazerem-se; que Conselheiro abandonou o burel e o bastião e anda armado como seus sequazes.

Bahia, 29

Continúa a impressionar o espirito publico Antonio Conselheiro. Sabe-se quea pós o combate Mata, o primeiro que houve, as fileiras conselheiristas foram engrossadas extraordinariamente, recebendo d'aquellas circumvisahanças mantimentos, roupas e dinheiro; que pessoas que têm bens n'aquellas regiões vendem-n'os por quasi nada, afim de seguirem a Conselheiro; que os generos alimenticios para os fanaticos são vendidos por diminuto preço; que Norberto de Tal, alleio a assumptos politicos e que nunca foi suspeito de ser conselheirista, foi visitar Antonio Conselheiro, levando sua esposa; deu ao retirar-se ao fanático a esmola de 500\$, sua esposa deu 400\$. Que de Alagóinhas, Santa Luzia e Feira de Sant'Anna vão munições para Canudos; que até o conde d'Eu tem remettido dinheiro ao Conselheiro; que dez em mantimentos e gado de Bom Conselho, Gerimoabo e Simão Dias para Conselheiro, tudo positivo indagar suas necessidades; que Conselheiro tem correspondentes n'esses logares todos; que os fanaticos têm tal confiança no grande numero de bandidos que possuem, que chamam a força que vai batel-os «fraqueza do governo».

Que melade das populações do Tucano e Itapicuru mudou seu domicilio para Canudos; que no dia 23 seguiram para aquella localidade 200 homens, mulheres, meninos, muitos dos quaes armados; que no Tucano Conselheiro tem dous grandes protectores; que a população d'esta localidade está sob o panico, em virtude do Conselheiro prometter visitala; que o numero de conselheiristas orça por dez mil; que dinheiro republicano é queimado nos Canudos, circulando só cedulas que têm o retrato de Pedro II que o exercito fanático compõe-se de quatro especies: fanaticos verdadeiros, fanaticos por interesse, que esperam que Conselheiro divida bens; desertores do exercito, armada e policia; assassinos e malfeltores d'este Estado, de Sergipe, Minas, Alagóas, Piahy, homisados em Canudos. Calcula-se que Conselheiro possue quantia superior a cem contos.

(Gazeta de Notícias).

FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 30, p. 1, col. 5, 30 jan. 1897.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 31, p. 1, 31 jan. 1897. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15689>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011. t. III, 1890-1900.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.